

Igreja, Economia, Política.

“Eu sou o SENHOR, teu Deus” (Êxodo 20.2a)



Presidência
IECLB nº 266228/18

Texto-base do Tema e Lema de 2019

Tema: *Igreja, Economia, Política*

Lema: *Deixo com vocês a paz, a minha paz lhes dou* (João 14.27a).

O Tema do Ano já é uma tradição na IECLB. A primeira edição foi em 1976. Normalmente, o Tema é tratado pelo período de um ano. Alguns Temas conduziram a reflexão e a ação da Igreja por dois anos. Em 2019, mantemos o Tema do Ano de 2018, mas sob a luz de um novo Lema. Por quê?

Em 2018, apresentamos os motivos pelos quais escolhemos *Igreja, Economia, Política* como Tema. Segundo Lutero, estas são as três *ordens da Criação* de Deus. Recordamos do texto-base de 2018:

Igreja (que ensina a Palavra de Deus), Economia (que organiza a produção e a distribuição justa dos meios de sustento da vida) e Política (que zela pela boa convivência humana) são os instrumentos que Deus usa para evidenciar quem Ele é e o que Ele quer.

A concepção de Lutero interligou âmbitos que eram considerados desiguais, separados e sobrepostos. Para o Reformador, Deus age mediante as três ordens, e todas as pessoas se colocam a serviço de Deus nas três ordens. Esta é uma indicação importante para nós: cada pessoa é chamada a atuar com Deus nestes três âmbitos da vida.

O ensino de Lutero sobre as três ordens da criação se refere a um estado ideal que não existe mais. A natureza humana foi corrompida pelo pecado e, com isto, também as ordens da criação estão corrompidas. Ainda assim, todas elas permanecem sob a promessa de Deus e continuam sendo os âmbitos nos quais Deus atua.

O ser humano está inserido nas três ordens da Criação. Mesmo que uma pessoa queira se retrair da dinâmica das ordens, o que nelas acontece vai refletir em sua vida. Pela fé, apesar da nossa condição de pessoas pecadoras, atuamos nas três ordens e através delas. A nossa ação pode ser compreendida como colaboração com Deus para o melhoramento do mundo. Isto também aponta a abrangência da fé cristã. Ela vai além do âmbito pessoal e do círculo da Comunidade. A pessoa cristã é, simultaneamente, cidadã.

Em 2018, tivemos a oportunidade de compreender a concepção luterana das ordens da Criação. Em 2019, queremos avançar, identificando e indicando ações para o melhoramento do mundo através das três ordens.

Na concepção luterana, o alvo da Economia e da Política [e de políticas] é a promoção do bem-estar das pessoas. Em seu comentário ao *Magnificat*, Lutero diz ser necessário que “governantes se deixem governar pela graça e ajuda de Deus, para o bem do povo. A qualidade de vida do povo evidenciará se o governante é governado ou não pela graça de Deus. (...) O bem-estar de muita gente depende de um príncipe tão importante, quando ele é governado pela graça de Deus. Por outro lado, dele depende a desgraça de muitos, quando

Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil

Rua Senhor dos Passos, 202 • 5º andar • 90020-180 • Porto Alegre • RS • Brasil • Fone (51) 3284-5400 • Fax 3284-5419
Caixa Postal 2876 • 90001-970 • presidencia@ieclb.org.br • www.luteranos.com.br

ele se volta para si próprio e não é governado pela graça". Diante dessa visão e, considerando o novo Lema, a tarefa de governantes e de pessoas cidadãs, particularmente do povo de Deus, é promover a paz e o bem-estar de todas as pessoas. Para isso, é preciso compreender o que é *paz*. É disto que trata o Lema.

"Deixo com vocês a paz, a minha paz lhes dou" (João 14.27a). Jesus não define a paz nesta sua frase. Também em outras ocasiões em que fala sobre a paz, o Mestre nunca define o termo. A razão é que *paz* era um termo conhecido e, seguidamente, usado em saudações pessoais (p. ex.: João 20.19). Para o povo judeu, *shalom* – a palavra judaica para a paz – é um termo abrangente que pode ser resumido assim: é a felicidade, o mútuo entendimento e o bem-estar espiritual, físico, social, econômico e político das pessoas, das famílias ou grupos com quem elas se relacionam, das cidades em que moram, dos povos aos quais pertencem. Paz é, portanto, felicidade, saúde, bom entendimento e bem-estar em todos os sentidos. Para a Bíblia, paz é uma dádiva de Deus, assim como o é também a bênção: "O Senhor te abençoe e te guarde (...) e te dê a paz" (Números 6.24-26).

Como judeu, Jesus tinha em mente esse sentido abrangente de paz quando disse em seu discurso de despedida que deixaria e daria o seu *shalom*/a sua paz aos discípulos (João 14.27-31). Que a paz para Jesus pressupõe *integridade e saúde física* mostram-nos trechos como Marcos 5.34 e Lucas 8.48, onde Jesus cura uma mulher e então diz: "Vai em paz". Também a palavra de Jesus sobre a vida abundante que ele veio para dar tem a ver com o restabelecimento da saúde das pessoas (João 10.10).

Talvez a maior contribuição de Jesus para uma prática de paz nas diferentes dimensões dos relacionamentos humanos é sua insistência no *perdão sem limites*. Foi Jesus quem disse para perdoar não apenas sete vezes, mas setenta vezes sete (Mateus 18.22). O perdão traz a paz para relacionamentos tensos, difíceis e carregados de culpa (Lucas 7.36-50). Quando não há prática de perdão, o que sobressai são atitudes de discriminação ou de ódio. O Evangelho de João acentua justamente esse aspecto: o mundo "odeia" quem não reza os seus credos nem se orienta pelas suas práticas (João 7.7; 15.18,23,25; 17.14).

A paz de Jesus incluía uma prática decidida de *não violência* e, em consequência, não armamentista. Ele pede para orar pelas pessoas que nos perseguem ou caluniam (Mateus 5.44; Lucas 6.28), para não revidar mal com o mal ("olho por olho, dente por dente": Mateus 5.38). Jesus se negou a apelar para os exércitos celestiais para livrá-lo da cruz (Mateus 26.53). A sua entrada triunfal em Jerusalém não foi sobre um cavalo de guerra, mas sobre um jumentinho da paz, inspirado no texto de Zacarias 9.9-10. Ali diz que Deus vai destruir os carros, os cavalos e os arcos de guerra, para que seja anunciada a paz (cf. Oséias 2.20). Diante disso, precisamos perguntar se propostas como as de leis que possibilitam e promovem o porte de armas condizem com o espírito da paz divina. Também é necessário perguntar em que medida o fomento de uma indústria bélica no Brasil exporta paz ou matança, sangue e destruição.

É claro que ninguém seria tão ingênuo de achar que num país como o Brasil, só por não existir guerra declarada, já exista paz. Os índices anuais de assassinatos no campo e nas cidades, de desemprego, de milhões de pessoas abaixo da linha de pobreza, do caos da segurança pública, da saúde, etc., dão testemunho de que a ausência de guerra é ainda insuficiente para caracterizar nossa vida como estando em paz. Por isso, no Antigo Testamento a paz tem uma coirmã, denominada *justiça* (cf. Isaías 48.18). Sem paz dificilmente haverá justiça; sem justiça, certamente não haverá paz: "O efeito da justiça será paz, e o fruto da justiça será repouso e segurança para sempre" (Isaías 32.17). Daí resulta a importância da justiça social para a paz.

Enquanto não oferecermos a todas as pessoas as mesmas oportunidades e espaços iguais de formação e trabalho, estaremos contribuindo para a manifestação da marginalidade, do crime, das drogas e outros males. A justiça também falha quando ela não aplica as leis de

Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil

Rua Senhor dos Passos, 202 • 5º andar • 90020-180 • Porto Alegre • RS • Brasil • Fone (51) 3284-5400 • Fax 3284-5419
Caixa Postal 2876 • 90001-970 • presidencia@ieclb.org.br • www.luteranos.com.br

forma igual para todas as pessoas, criando e mantendo privilégios para uma minoria. Quando há desequilíbrio da justiça, geralmente as pessoas pobres, negras, indígenas e migrantes são as mais prejudicadas.

No Salmo 85.10-13, a paz tem mais uma coirmã: além da justiça, a *verdade*. “A graça e a verdade se encontraram, a *justiça* e a *paz* se beijaram. Da terra brota a *verdade*, dos céus a *justiça* baixa o seu olhar”. A verdade como segundo fundamento da paz tem uma importância decisiva para Jesus no Evangelho de João (p. ex., João 1.17; 4.24; 14.6, 17; 17.17). O conhecimento da verdade tem função libertadora: “conhecereis a verdade e a verdade vos libertará” (João 8.32). No Brasil, a divulgação malévola de *fake news*, com o interesse de acobertamento da verdade, a transmissão de meias verdades e a omissão de outras tantas pelos grandes órgãos de imprensa torna o pouco de paz que temos ainda mais frágil e danoso, gerando desconfiança, desorientação e má informação.

Por vezes, os que falam de paz o fazem somente da boca para fora. Jeremias 6.14 afirma que muitas pessoas, movidas pela ganância, não têm nenhuma vergonha de mentir descaradamente e de proclamar “Paz, paz”, quando não há paz. São aquelas pessoas que dizem ter o interesse de curar as feridas do povo, mas na realidade buscam o seu próprio interesse ou o interesse de uma minoria. A paz que querem é que o povo não se manifeste nem proteste diante de mentiras e injustiças. Nesses casos, as pessoas cristãs têm o compromisso ético da denúncia. Jesus também criticou as pazes falsas, que podem estar inclusive no seio das famílias, onde a discriminação das mulheres, a submissão doentia e o machismo impedem que as pessoas vivam e se desenvolvam em liberdade. É dentro desse espírito de denúncia que entendemos as palavras em Mateus 10.34-36: “Não pensem que eu vim trazer paz à terra. Não vim trazer paz, mas a espada. Pois vim causar divisão entre o homem e seu pai, entre a filha e a sua mãe e entre a nora e a sua sogra.”

No Evangelho de João há, por fim, uma terceira coirmã da paz. Trata-se do *amor*: “Permaneçam no meu amor... O que eu lhes ordeno é isto: que vocês amem uns aos outros” (João 15.9-17). O amor de Cristo é essencial para o estabelecimento da paz por uma razão muito simples: ele é universal. Cristo o deu para todas as pessoas, independentemente de classe ou condição social, política e religiosa. E ele assim o fez por entender que todas as criaturas, indistintamente, eram filhas queridas do Pai do céu. Se permanecermos e defendermos este amor universal de Cristo, promovemos a paz: “Bem-aventurados os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus” (Mateus 5.9). Nesse caso, defenderemos políticas públicas, governos e projetos voltados para o bem comum e não, como costuma ser, para minorias privilegiadas. Uma paz que procure pelo bem comum estará sintonizada com a verdadeira paz de Deus que Jesus veio trazer. Deus não quer o bem de poucas pessoas, mas de todas.¹

No tempo em que vivemos, as relações em todos os âmbitos (inclusive na família) estão determinadas pela *polarização*. A tendência é a de optar por um dos polos como sendo a única verdade. Exclui-se a possibilidade de convivência na diversidade. Desconhece-se ou ignora-se a complexidade dos fatos. É uma polarização odiosa que atrapalha e até impede nosso desempenho na missão de Deus. Quanta energia se gasta por causa do *ódio nosso de cada dia!*

Em meio a essa realidade, a teologia evangélico-luterana nos diz que, por causa do pecado, as ordens da Criação e todas as pessoas estão sob a marca da imperfeição. Justificadas por graça através da fé, permanecemos sob o pecado. Somos pessoas simultaneamente justas e pecadoras (*simul iustus et peccator*). Vivemos em meio a essa ambiguidade. Daí que nunca uma suposta verdade estará plenamente deste lado ou do outro. Ter clareza dessa condição certamente nos ajuda a compreender as dificuldades e os desafios para promover a paz. Se as três ordens existem para o louvor a Deus e para a promoção e organização da vida, então

¹ A reflexão sobre o texto bíblico (o Lema) é do P. em Uwe Wegner, a quem agradecemos.

o caminho não está na polarização que divide, mas na *busca conjunta para a convivência em favor da paz*. Com essa busca a IECLB está comprometida ao insistir, por exemplo, no tema da justiça de gênero.

Abandonar o ódio para, conjuntamente, promover a paz no mundo ainda tem outra motivação: se em comum temos a condição de pessoas pecadoras, carregamos também em comum a *marca do Batismo*. Congregamos na Igreja. Integramos o mesmo corpo. Em Cristo, *somos um só corpo* (1 Coríntios 10.17). Reafirmar este princípio evitará que nos percamos em meio a conflitos, confrontos e contradições. O Tema e o Lema do Ano nos motivam a agir em regime de colaboração na construção de pontes de aproximação para o melhoramento do mundo.

Diante das forças, na sociedade e também na IECLB, que dificultam e até impedem que nos reconheçamos como irmãos e irmãs, somos porta-vozes do Evangelho, a alegre notícia. Dali provém o anúncio da paz como antítese à onda do ódio. Por isso, um dos objetivos do Tema é justamente apontar formas de baixar essa onda, sinalizando o que já se faz em favor da paz. A paz que Jesus deixou entre nós é motivo para que nos perguntemos de modo bem franco e direto, tanto Ministras e Ministros, quanto membros e a sociedade em geral: as minhas palavras e a Palavra que eu anuncio contribuem no quê? E no que contribuem nossas ações? Ajudam a sair do círculo dramático no qual se cultiva *o ódio nosso de cada dia*? A Palavra de Deus é a fonte inspiradora e orientadora para que *nossas palavras fomentem a paz*, sem mascarar a realidade.

Ao promover a paz (que beija a justiça, a verdade e a não violência) e romper a escalada do ódio e da polarização, nos defrontamos com a via do *diálogo, da mediação e da reconciliação*. A persistência sincera nisso não pode, obviamente, acobertar injustiça, inverdade, violência. Diálogo em vista da reconciliação requer compromisso com a identificação e a *superação de barreiras e fossos* que impedem o florescimento da paz. De igual modo, diálogo, mediação e reconciliação, inspirados no Evangelho, contribuirão para identificar *balizas e limites* para a boa convivência. O diálogo não pressupõe concordância e aceitação de tudo. Não podemos concordar, por exemplo, com discursos racistas ou que pregam o extermínio de quem é diferente.

A Igreja contribui (e pode contribuir ainda mais) na promoção da paz através do diálogo, da mediação e da reconciliação. As Comunidades da IECLB oferecem um sem-número de *ocasiões para reunir os membros* do corpo de Cristo para analisar e interpretar o que se passa no contexto em que vivem, iluminando esse contexto com a luz do Evangelho. Exatamente diante dos fossos que nos distanciam é que insistimos no diálogo com vistas à construção de pontes como exercício do amor e da cidadania. Importa reaprender a ouvir e evitar impor a "minha verdade". Haja mais diálogo e menos ofensas! Não se trata de aproximar pessoas para que pensem da mesma forma, mas de identificar iniciativas, a partir das quais é possível caminhar na mesma direção, vislumbrando a paz que Cristo deixou entre nós. Opiniões e posicionamentos divergentes precisam ser ouvidos. O foco deve estar nas causas e não nas pessoas com suas posições. Esta prática é parte do DNA da IECLB! Não temos na IECLB uma instância que dita a verdade. Orientamo-nos e nos inspiramos no Cristo que é a Verdade. Somos Igreja a caminho. Construimos o entendimento a caminho. Somos Igreja *sinodal*! Nisso precisamos insistir e apostar mais e mais.

Igreja, Economia e Política são corresponsáveis pelo cuidado ou pela depredação da Criação de Deus. Consideremos, por exemplo, o que representam em nosso país a poluição decorrente do gás carbônico, do uso indiscriminado do plástico e dos agrotóxicos. A IECLB não tem a força de um Governo. Mas, como Igreja, contribuimos (e interferimos) com iniciativas de gestão ambiental responsável e de preservação da boa Criação de Deus (Gênesis 2.1-3). O *Programa Ambiental Galo Verde* é um exemplo. Ele promove gestão ambiental em Comunidades e instituições, ajudando a reduzir a pegada ecológica. As

Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil

Rua Senhor dos Passos, 202 • 5º andar • 90020-180 • Porto Alegre • RS • Brasil • Fone (51) 3284-5400 • Fax 3284-5419
Caixa Postal 2876 • 90001-970 • presidencia@ieclb.org.br • www.luteranos.com.br

Comunidades e instituições que o adotam elaboram um programa para reduzir o consumo de água e energia elétrica, para destinação correta dos resíduos de suas atividades, como festas e encontros, e colocam o cuidado com a Criação como uma de suas prioridades. O objetivo é ir além do discurso e vivenciar a responsabilidade ambiental. O *Galo Verde* tem como lema: *A Criação é de Deus; a responsabilidade é nossa!* Ao implantar um programa de gestão ambiental, a Igreja demonstra que a fé é vivida com responsabilidade.

É possível iniciar uma reflexão ambiental sobre esse tema na Comunidade, convidando alguém do *Galo Verde* para um encontro ou uma palestra. Quem quiser mais informações pode visitar o site www.galoverde.org.br e solicitar palestras e auxílio, fazendo contato com a coordenação (gjschalombr@web.de).

Políticas e modelos econômicos são determinantes para que a paz vingue ou minguem. Também são necessárias ações de empreendedorismo que reconheçam a função social das empresas na geração de postos de trabalho dignos, na distribuição da renda e na preservação ambiental. Há, a partir de Comunidades da IECLB e em parceria ecumênica, iniciativas de empreendedorismo que se perguntam pelo papel da empresa na sociedade e pelo desenvolvimento econômico como fator para a promoção da justiça. Tais iniciativas, que surgem a partir da escuta do Evangelho, merecem pleno apoio.

Para regar a semente da paz semeada por Jesus, a IECLB apoia há quatro décadas iniciativas no âmbito da *agroecologia* através do CAPA – Centro de Apoio e Promoção da Agroecologia (<http://www.capa.org.br/>). Nos últimos anos, o CAPA desenvolveu o projeto *Comida boa na mesa* (<http://comidaboanamesa.com.br/>), que promove reflexão sobre o acesso à alimentação saudável, o papel da agricultura familiar, das feiras, cooperativas e organizações de apoio. Em 2018, na celebração dos 40 anos de história e testemunho do CAPA, fez-se este registro: “Como sinal de esperança, anunciamos a Agroecologia como projeto de sociedade transformadora de vidas, que viabiliza relações sociais justas, harmonia com a natureza e oferta de alimentos saudáveis para todos os seres”.

O cuidado com a vida humana (diante de doença, desemprego, criança em situação vulnerável, pessoa idosa abandonada) deixa muito a desejar por parte do Estado brasileiro. Diante desse quadro, a IECLB não se omite. Ao nos aproximarmos da celebração do jubileu de 200 anos de história da IECLB (1824-2024), podemos olhar com alegria e gratidão para as iniciativas das Comunidades da IECLB no âmbito da Diaconia. Há muitos projetos de cuidado de pessoas *onde a vida dói*, não importando se o abraço alcança membros ou pessoas que nem integram a IECLB (<http://www.luteranos.com.br/organizacao/missao-diaconia>). Temos consciência de que as ações diaconais da Igreja não são suficientes para suprir a omissão do Estado, mas temos a alegre convicção de que nossas ações diaconais demonstram que, da solidariedade no sofrimento humano, brota a paz semeada por Jesus.

A vontade de Deus se traduz na sua decisão de criar, preservar (vida digna) e salvar. Nessa decisão está expresso o amor de Deus e a própria força do amor que dele emana. Tudo passa. O amor fica. É esse amor que quer a paz. Paz é o alvo; o amor, o meio. *Igreja, Economia, Política*. Diante das ordens criadas pelo Pai, o Filho afiançou: *Deixo com vocês a paz, a minha paz lhes dou* (João 14.27a).

Nestor Paulo Friedrich
Pastor Presidente da IECLB